

# II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

## Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285

## PRINCÍPIOS E PRÁTICA DA ALTERIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FERNANDES, Pâmela Regina<sup>1</sup>

NASSAR, Noelma de Campos<sup>2</sup>

OLIVEIRA, Solange da Costa Lima<sup>3</sup>

RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo principal apresentar os princípios da alteridade a fim de pensá-la como uma prática na Educação Infantil. As discussões aqui apresentadas são resultado das reflexões realizadas no I Ciclo de Estudos Pibid/Pedagogia, *campus* Jacarezinho. O tema alteridade possibilita pensar em uma educação infantil para além do cuidar, em um ambiente no qual os educadores infantis saibam respeitar e valorizar a cultura da infância. Tornou-se então fundamental na perspectiva da educação saber lidar com “o que é diferente”, assim, exigindo reflexões e um olhar diferenciado do docente sobre o universo infantil. A partir da perspectiva de alteridade, na qual os educadores infantis se coloquem como sujeitos responsáveis por manter essa relação de considerar o Outro, nesse caso, as crianças na faixa etária de zero a 5 anos, serão pensadas as atividades a serem desenvolvidas nas três escolas parceiras do PIBID, no município de Jacarezinho.

Palavras-chave: Alteridade. Educação Infantil. PIBID Pedagogia.

### Introdução

Atualmente o trabalho docente na Educação Infantil se tornou o centro de muitas discussões. O tema ganhou importância no âmbito educacional e, conseqüentemente, têm gerado reflexões e novas possibilidades para o universo da prática docente nessa etapa inicial de escolarização.

Ao longo dos anos, notou-se que nessa etapa escolar o adulto ao relacionar-se com uma criança e ao educá-la não a via como alguém que trazia consigo sua própria visão de mundo, outra perspectiva de lidar com a vida. Dessa maneira, havia uma grande dificuldade de tratá-la como alguém diferente de si, eram apenas crianças, que deveriam agir segundo um planejamento a partir da visão de um adulto.

Assim, este texto propõe uma reflexão inicial sobre alteridade que resultou das discussões realizadas no I Ciclo de Estudos PIBID Pedagogia, a fim de subsidiar uma Pedagogia da Infância, cuja responsabilidade é a de pesquisar, de trazer para esta fase da educação conhecimentos, recursos e todos os aspectos necessários para que haja uma

<sup>1</sup> Bolsista de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Subprojeto Pedagogia, *campus* Jacarezinho.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação à Docência da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Subprojeto Pedagogia, *campus* Jacarezinho.

<sup>3</sup> Professora da Educação Básica. Supervisora PIBID. Subprojeto Pedagogia, *campus* Jacarezinho.

<sup>4</sup> Professora Adjunta da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Coordenadora de Área. Subprojeto Pedagogia, *campus* Jacarezinho. Endereço eletrônico: [vanessaruckstadter@uenp.edu.br](mailto:vanessaruckstadter@uenp.edu.br).

comunicação ímpar entre professor e aluno. Ou ainda: ir para além do cuidar na educação infantil e se comprometer com o desenvolvimento da criança de modo integral.

Essa educação voltada para a Infância trouxe um novo rumo à educação infantil, romper com o conceito de adulto em miniatura. Dessa forma, consideramos importante que os educadores infantis reconheçam que a criança possui uma estrutura, que pertence a uma cultura, com riquíssimos valores, crenças e ideais.

### Conceituando alteridade

Para que possamos nos aprofundar com relação ao tema alteridade, faz-se necessário entender o significado do termo. Segundo o dicionário Houaiss (2001) a palavra Alteridade provém do latim *Alter* ‘outro’, qualidade do que é outro, diversidade. Para a psicologia Alteridade se refere ao “[...] o conceito que o indivíduo tem segundo o qual os outros seres são distintos dele. Contrário a ego” (Dicionário de psicologia, 1973, p. 75). Já para a filosofia, alteridade vem do latim “[...] *alteritas*. Ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro” (ABBAGNANO, 1998 p. 34-35). No pensamento filosófico a alteridade é o processo de se reconhecer no outro, mesmo que a princípio existam diferenças físicas, psíquicas e culturais. É possível verificar a alteridade quando uma cultura não tem como objetivo a extinção de uma outra. Isso porque a alteridade implica que um indivíduo seja capaz de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes.

2077

Então, o que é alteridade? Podemos pensar alteridade como algo que nos leva a compreender o outro levando em consideração seus direitos e suas diferenças, podendo assim evitar conflitos nos relacionamentos pessoais e sociais.

### Infância, alteridade e educação na contemporaneidade

O historiador francês, Philippe Ariès (2006), nos apresenta em sua obra **História Social da Criança e da Família**, que o conceito de criança não está relacionado com o de infância, já que a concepção atual de infância passou a ser construída somente nos séculos XVII e XVIII. Na Idade Média as crianças tinham um papel social mínimo e eram geralmente representadas como “pequenos homens”, tanto na vestimenta quanto na participação na vida social. (ARIÈS, 2006).

Até por volta do século XVI, não existia um particular sentimento da infância, as crianças eram consideradas “adultos em miniaturas.”

[...] o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIÈS, 2006, p.156.)

Segundo Ariès (2006), as crianças muito cedo deixavam de depender dos pais, entrando no mundo adulto. Os pais era que passavam a depender dos filhos já que quanto mais filhos, mais braços teriam para trabalhar.

A infância é vista pelos adultos muitas vezes como fase de incapacidade onde a criança não pode desenvolver determinada atividade, tende-se assim a acelerar esse período de vida tão importante. Muitas vezes a criança não recebe estímulo necessário ao seu desenvolvimento integral:

“[...] afinal de contas, não passa de uma criança os olhares a ela depositados são visionários de uma idade ainda não alcançada, porém alvo de toda a atenção plausível e o período transitório até a sua conquista: acelerado, atropelado, desmerecido.” (BEZERRA, 2012, p. 13)

Ao tratar a alteridade no campo educacional Peter McLaren (1997) salienta que somente um currículo e uma prática pedagógica emancipatórias podem guiar ao aprofundamento da alteridade nas relações educacionais, ou seja novas perspectivas para compreender as diferenças sejam elas de origem étnicas ou culturais, devem ser objeto de reflexão no campo pedagógico. Para isso faz-se necessário se relacionar com o outro, pois quanto mais o indivíduo se relaciona mais entende a si próprio e aos outros.

Paulo Freire destaca nas páginas iniciais de sua obra **Pedagogia da Autonomia**, que considerar o Outro, as diversidades e saber lidar com isso, parte da Ética de cada um, pois somente um indivíduo provido de eticidade será capaz respeitar as diversas realidades. (FREIRE, 2011).

A Alteridade faz parte da ética, é a característica essencial para que um professor saiba lidar com esta nova situação. Quando constituído por este fundamento de considerar o “outro”, de respeitá-lo a ponto de se colocar em seu lugar e tentar compreender o seu modo de viver, é que ele será capaz de envolver-se nesse contexto e ver a criança como alguém em fase de desenvolvimento, que tem uma forma distinta de ver e interpretar o mundo, mas que é constituída e reprodutora de sua própria cultura. Saviani nos orienta que “Conhecer significa não apenas deter informações, mas compreender as relações, compreender as determinações que se manifestam empiricamente à nossa percepção (2003, p.273).

Paulo Freire (2011) critica a relação de ensino-aprendizagem pautada na ideia de que o professor é aquele quem sabe e o aluno aquele quem aprende. Para ele, o educador tem muito a aprender com as experiências de seus educandos, mas para haver esse aprendizado é imprescindível o princípio da alteridade, o que significa que o educador seja capaz de se colocar no lugar do “outro” e buscar entender suas emoções e realidade.

Dentre as diversas funções e possibilidades de se trabalhar na Educação Infantil considerando a Alteridade, é necessário acima de tudo que haja um olhar diferenciado diante da “outro”, neste caso a criança, pois “[...] o olhar convoca nossa dimensão ética na relação com o outro.” (AMORIM, 1997, p. 23). Ao olhar para o “outro” se reconhecer, identificar aquilo que compõe ou aquilo que falta a cada indivíduo, há uma contribuição para amplitude do conhecimento daquele que é diferente.

### Conclusão

O novo olhar na educação infantil permite ver a criança como alguém que já possui uma cultura, que é criativa, que reproduz e cria cultura, que ao interpretar o mundo utiliza o conhecimento que já traz de uma educação familiar, da comunidade onde vive.

Para que a alteridade aconteça na relação entre professor e aluno é preciso uma educação com muito diálogo, oportunidade do aluno se expor e não somente o professor atuar como o ser único do conhecimento.

É preciso ver o “outro” com respeito, tê-lo próximo a si e compartilhar de sua visão, isso fará com que o professor busque entrar no universo infantil. A criança tem seu tempo, seu espaço, suas especificidades. Dar voz a ela é fundamental para que ela se expresse. Um exemplo observado na atuação em uma das escolas parceiras é a de que as salas são todas decoradas, os desenhos muito bonitos, as atividades enviadas aos pais muito bem elaboradas. Porém, percebemos que as crianças não são autoras desses desenhos e atividades. Em geral, eles são feitos e/ou retocados pelos professores para ficarem mais “bonitos”, desconsiderando a criatividade e liberdade de expressão das crianças.

Portanto é necessário que seja rompida a visão adultocêntrica na Educação Infantil, a criança como um “vir a ser”, ou ainda, um ser inacabado e incompleto que precisa amadurecer, visão essa que coloca o adulto como centro do processo de ensino-aprendizagem.

### REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AMORIM, M.O **Pesquisador e Seu Outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Editora Musa, 2001.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006

BEZERRA, Adma Soares. **Infância e Alteridade na Educação Infantil: O desafio de Pensar a criança como outro**. EPEPE IV Encontro de Pesquisa em Pernambuco. Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012. Disponível em:  
[http://www.epepe.com.br/EPEPE2012\\_IV/Trabalhos/07/C-07/C7-267.pdf](http://www.epepe.com.br/EPEPE2012_IV/Trabalhos/07/C-07/C7-267.pdf). Acesso em 24 jun 2014.

**Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Itamaraty, v.5, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

MCLAREN, Peter. **A Vida nas Escolas**: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações.8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.